

Como eu sou um pouco mais velho, fui conhecer o Murilo, realmente, no começo da vida adulta.

Passamos a faculdade praticamente juntos. Estávamos juntos de segunda a sexta-feira, festa no sábado e aquela reunião da galera na casa do Dr. Júlio no domingo.

O Murilo tinha uma inteligência rara e um poder de argumentação ímpar.

Ele tinha bom senso, conhecimento e uma serenidade invejável.

Nunca vi o Murilo precisar alterar o tom de voz pra se fazer ouvir; nem se indispor com alguém e duvido que alguém possa dizer o contrário.

Desde a faculdade ele se interessou por política; aí ele vinha perguntar como funcionava o sistema e processo de elaboração de leis, o que era medida provisória, quem fazia o que; qual a diferença de juiz e desembargador; o que era procurador; eu explicava somente uma vez; e ele nunca mais perguntava.

Ele era humilde e seguro de si.

Era o agregado da minha turma de direito. Eles também acompanharam o Murilo e esses últimos passos. Estão tristes como a gente.

Murilo era meu zagueiro favorito. Quem joga no gol, como eu, gosta de ter um homem de confiança que seja realmente de confiança. Jogando salão ou suíço, Murilão era o melhor zagueiro. Seguro, limpo, firme, leal e sem firula. Sabia jogar...

Foi o melhor “copiloto” que já tive. Indo pra UEL, viajando ou passeando, ele sabia qual o som certo pra colocar em cada ocasião, mesmo se estivéssemos calados há algum tempo, pensando no último assunto conversado.

Grande amigo; grande homem; sabia falar e sabia calar. Excelente conselheiro.

Murilo não media as palavras. Ele as dominava. Sabia a frase certa, o tom certo pra abordar cada assunto com cada pessoa. Escrevendo, falando ou só conversando, o texto dele era natural, enxuto e direto ao ponto. Sabia expor assuntos complexos de uma forma concisa.

Ele era um pai dedicado. Certa vez perguntei a ele: como é ser pai? Como é a responsabilidade de educar, preparar alguém pra vida? Ele já tinha a Luana, sua filha mais velha. Eu nem casado era. Ele respondeu daquele jeito tranquilo dele, com um meio sorriso na cara: “Ah, Manga; a cabeça de uma criança é como um HD em branco; você põe o que você quiser lá dentro”. Não foi preciso dizer mais nada. Trago isso comigo até hoje pra educar meus três filhos.

Ficamos anos afastados. Fui pra fora do país após me formar. Quando voltei, ele já estava casado. Conheci a Fernanda, esposa dele, na casa do Dr. Júlio. E a afinidade é incrível. Quando há afinidade, parece que nunca houve um período de separação.

Quando fui morar em Maringá, passei uma semana hospedado na casa deles pra procurar casa e trabalho pra mim. E demos muita risada. Dizia o Raul que “pra passar a noite na cocheira tem que ter o mesmo cheiro do cavalo pra não incomodar “. Agradeço muito a eles.

Eu poderia continuar falando e escrevendo um monte. Há muitas lembranças e histórias... todos temos.

Que elas se perpetuem em nossas mentes e corações!

Murilo César Gatti foi um grande homem. Tanto na sua vida pessoal quanto profissional. Há pessoas que passam pelo mundo como se nunca tivessem existido; mas ele fez jus à sua existência.

Vá com Deus, meu amigo. E muito obrigado por ter participado de nossas vidas.

Paulo R. Manganotti.